

## A SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO NO ROMANCE “O VENDEDOR DE PASSADOS”

Maria Emília Magalhães Martins da COSTA  
Universidade Federal de Ouro Preto  
[mimimartinscosta@yahoo.com.br](mailto:mimimartinscosta@yahoo.com.br)

**Resumo:** Partindo da perspectiva de significação do espaço no romance, pretende-se analisar *O vendedor de passados*, obra do escritor angolano José Eduardo Agualusa, percebendo o espaço habitado na narrativa como algo que transcende a mera ambientação do enredo. O romance conta a história de um vendedor de memórias, um construtor de novas árvores genealógicas, que ganha a vida criando falsas lembranças para pessoas com destinos assegurados, ávidas por um futuro próspero e que preferem esquecer o passado. Através dos olhos de uma lagartixa, narradora da história, é que conhecemos o cotidiano de Félix Ventura, o vendedor de passados, e também os elementos narrativos que circundam a obra. De dentro da casa de Félix, lugar de encontro de diferentes sujeitos e também refúgio para os solitários moradores, a lagartixa Eulálio narra o que está dentro e fora do ambiente em questão. A partir do enredo e da caracterização do espaço, o objetivo é estabelecer relação entre a casa de Félix e as representações da África no romance.

**Palavras Chave:** Espaço; Literatura angolana; José Eduardo Agualusa

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Literatura, como uma das formas artísticas de recriação da realidade, constitui um valioso recurso para o estudo da configuração do espaço atual. Muitas vezes, a exposição de conjunturas geográficas submetidas aos romances, contos, crônicas ou qualquer outro tipo de manifestação literária evidencia os aspectos reais das representações econômicas, sociais, culturais e políticas por que passam a sociedade em questão. Em proporção, entende-se que estudar as questões inerentes à significação do espaço na Literatura pode levar também ao delineamento, mesmo que de forma não factual, de um panorama histórico-geográfico da realidade.

Entretanto, no que tange os domínios das teorias narrativas, sabe-se que entre enredo, narrador, personagens, tempo e espaço, o último destes esteve um pouco à margem das discussões teórico-críticas. Em 1994, na obra *Espaço e Romance*, Antônio Dimas considerou que “no quadro da sofisticação crítica a que chegaram os estudos sobre o romance, é fácil perceber que alguns aspectos ganharam preferência sobre outros e que o estudo do *espaço* ainda não encontrou receptividade sistemática” (DIMAS, 1994, p. 6). Entendemos, porém, que, para que haja concretude entre os elementos restantes é necessário que esses se situem em um ou mais espaços. Consideramos, dessa maneira, que todos os elementos possuem relevância na abordagem do texto literário e é partindo desse pressuposto que encaminhamos nosso estudo para a importância da espacialidade nos estudos das narrativas.

Deve-se a Osman Lins uma das mais concretas contribuições acerca da preocupação com o espaço na narrativa. Na obra intitulada *Lima Barreto e o espaço romanesco*, Lins

(1976) além de estabelecer a análise da bibliografia de Lima Barreto, também elabora alguns capítulos teóricos que muito esclarecem sobre o assunto referente à configuração do espaço. Um dos conceitos ilustrados por Lins refere-se à distinção entre espaço e ambientação:

Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa (LINS, 1976, p. 77).

Antônio Dimas elucidava um pouco mais sobre a conceituação de Lins quando diz que “o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica” (DIMAS, 1994, p. 20). Dessa maneira, é necessário entender que, de acordo com Lins, o espaço, puro e simples, possui uma configuração mais complexa em que subsiste um ambiente.

Ao considerar a criação do espaço como elemento significativo para o texto literário, Oziris Borges Filho (2007) fala sobre as variadas funções que a construção do espaço pode desempenhar. O autor destaca que seria uma tarefa fracassada separar e classificar todas as funções, mas se propõe a destacar algumas. Entretanto, dentre aquelas relevadas por Borges Filho, explicitaremos somente quatro, já em consonância com o objetivo de análise posterior que apresentaremos.

A primeira função diz respeito à caracterização do personagem de acordo com a indicação do contexto espacial à que é submetido. Ou seja, o espaço é configurado como uma projeção do personagem. A segunda se configura como oposta à primeira. Aqui o espaço é a influência exercida no personagem, assim, o personagem converge sua maneira de agir de acordo com o ambiente em que muitas vezes “diferentes espaços engendram diferentes atitudes” (BORGES FILHO, 2007, p.38). A terceira função, muito parecida com a anterior, relaciona-se às ações dos personagens a partir do momento em que o espaço é propício ao cumprimento dessa ação. Assim, o personagem somente age daquela maneira porque o espaço lhe é favorável. E a quarta e última função refere-se à representação dos sentimentos vividos pelos personagens configurando uma analogia entre o espaço que ele ocupa e seus sentimentos.

A topoanálise, termo cunhado por Gaston Bachelard (2008) em *A poética do espaço*, refere-se, segundo o autor, ao estudo psicológico dos locais de nossa vida íntima. Entretanto, Borges Filho apodera-se da terminologia para referir-se também a

todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural (BORGES FILHO, 2007, p.33).

Entenderemos aqui por topoanálise, portanto, o que Borges Filho se propõe a investigar: toda a riqueza do espaço e toda sua dinamicidade na obra literária. Assim, de acordo com a topografia literária, existem importantes aspectos a serem observados quando se propõe estabelecer uma análise topológica no âmbito narrativo.

A primeira questão está relacionada à segmentação do espaço em *macroespaços* e *microespaços*. O primeiro refere-se aos espaços maiores, como o campo e a cidade, ou a regiões como norte e sul. Salienta-se, porém, que nem todo texto possui esses grandes espaços, possuindo somente microespaços, que, em contrapartida, são os espaços menores que emergem numa narrativa, como uma casa, um quarto ou um automóvel. O que Borges Filho salienta aqui como importante para a toponálise é caracterizar e classificar cada um dos dois microespaços existentes no texto literário, cenário e natureza, atentando para suas configurações e implicações na narrativa.

De acordo com o estudioso, entende-se como cenário todo espaço criado pelo homem. “Geralmente são espaços onde o ser humano vive. Através de sua cultura, o homem modifica o espaço e o constrói a sua imagem e semelhança” (BORGES FILHO, 2007, p. 47). Já como natureza classificam-se os espaços que independem do homem para existir, como o rio, o mar, o deserto, a floresta, entre outros.

Levando em conta os aspectos aqui brevemente delineados sobre a caracterização do espaço na narrativa, amparados ainda por outros conceitos inerentes a este tema, seguimos para a análise do romance *O vendedor de passados*, do escritor José Eduardo Agualusa (2004), percebendo o espaço habitado na narrativa como algo que transcende a mera ambientação do enredo.

## **AS RELAÇÕES ENTRE PERSONAGENS E ESPAÇO HABITADO: A CASA DE FÉLIX VENTURA E O REFÚGIO DA OSGA EULÁLIO**

A obra *O vendedor de passados* é uma narrativa que conta a história de Félix Ventura, um mercador de memórias. O ofício deste personagem consiste em criar um passado glorioso para aqueles que possuem um futuro assegurado, faltando-lhes apenas uma boa árvore genealógica, ou um legado mais significativo. Os clientes de Félix são pessoas que almejam uma linhagem mais próxima do presente, “empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas, gerais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura” (AGUALUSA, 2004, p.17).

A história é narrada por outro interessante personagem: uma osga que, segundo a narrativa, é uma espécie rara de réptil que pode alcançar até duas décadas de existência e que tem como peculiaridade a habilidade de emitir sons similares à gargalhada humana. Eulálio, como a lagartixa é chamada, vive na casa de Félix e, por isso, possui uma visão ampla dos acontecimentos passados naquele lugar. É através dos olhos, ou melhor, dos pensamentos deste pequeno animal que a narrativa ganha vida e tece sua trama.

Passada na Luanda pós-independente, a história concentra-se num único ambiente narrativo, a casa de Félix. É em sua casa que o vendedor de passados recebe seus clientes e as solicitações de serviços. Se nos voltarmos para os aspectos da toponálise relativos à segmentação do espaço segundo Borges Filho (2007), podemos classificar a casa, dessa maneira, como um microespaço narrativo, que por sua vez é subclassificado em cenário, já que possui interferência humana.

Sobre as funções que a construção do espaço desempenha em textos literários, no decorrer das análises iremos perceber como cada uma destas funções surge na obra de Agualusa.

Logo no início da narrativa, a osga Eulálio faz uma descrição minuciosa da casa:

As largas paredes de adobe e madeira estão sempre frescas, mesmo quando, em pleno meio-dia, o sol silencia os pássaros, açoita as árvores, derrete o asfalto. [...] A sala de visitas comunica com o jardim, estreito e mal tratado, cujo único encanto são duas gloriosas palmeiras imperiais, muito altas, muito altivas, que se erguem uma em cada extremo, vigiando a casa. A sala está ligada à biblioteca. [...] O corredor é um túnel fundo, úmido e escuro, que permite o acesso ao quarto de dormir, à sala de jantar e à cozinha [...] (AGUALUSA, 2004, p. 9)

Enquanto descreve a casa, fica clara a relação que a osga possui com o lugar. Esta não é apenas uma relação entre morador e espaço habitado, mas o que Bachelard (2008) chama de “verdadeiro cosmos”, ou seja, a casa é o próprio universo do ser que a habita.

Para Bachelard, a casa é o espaço no qual o sonhador se sente protegido. O benefício mais precioso da casa seria permitir “sonhar em paz” (BACHELARD, 2008, p. 26). O que entendemos aqui é que o lugar onde habitamos representa o refúgio perfeito para devaneios, tanto os que produzimos em imagens oníricas como aqueles que concretizamos em nossos pensamentos. Ou seja, a casa protege tanto o sonhador que dorme, quanto aquele que está desperto, e ainda sim, sonha.

No romance de Agualusa, além da história de Félix e dos outros personagens que visitam a casa, Eulálio também narra seus sonhos, seis, no total. Estes sonhos são, na maioria das vezes, devaneios sobre as encarnações passadas da osga, ou mesmo pequenas histórias que, entremeadas ao enredo, põem luz à caracterização deste narrador tão eloquente. Mas o que chama atenção nos sonhos de Eulálio é que, em todos eles, a ambientação é feita em outro lugar, fora da casa. Para a osga, a casa é seu abrigo mais seguro, ou o único abrigo, sair dela representa o perigo, mas representaria também a liberdade. Somente em seus sonhos é que Eulálio consegue se aventurar por outros lugares e, de acordo com Bachelard, esta ilusão só é permitida pois a própria casa lhe concede este momento: “a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (BACHELARD, 2008, p. 26).

Borges Filho também fala sobre outra forma de produção de significado em relação ao espaço. O autor faz referência aos cinco sentidos humanos e utiliza o termo “gradientes sensoriais” para demonstrar a forma como “o ser humano se relaciona com o espaço circundante através de seus sentidos” (BORGES FILHO, 2007, p. 69). Apesar de Eulálio ser um animal, entende-se que este, sendo um personagem de ficção, possui também características humanas e, portanto, pode ser considerado a partir deste ponto de vista.

Para Borges Filho, a maneira como percebemos a realidade é complexa e variada e depende da forma como nos relacionamos através de nossos sentidos. Isso ocorre, do mesmo modo, na obra ficcional. Para o autor, a topoanálise também contempla analisar a posição em que os sentidos atuam na relação entre personagem e espaço. Em *O vendedor de passados*, percebemos a relação entre Eulálio e a casa perpassando os gradientes sensoriais num esquema de menor e maior distância respectivamente entre: tato > visão > audição > paladar > olfato.

Logo nas primeiras linhas do capítulo intitulado “a casa”, podemos identificar, através da narração de Eulálio, o primeiro nível desta graduação sensorial:

A casa vive. Respira. Ouço-a toda a noite a suspirar. As largas paredes de adobe e madeira estão sempre frescas, mesmo quando, em pleno meio-dia, o sol silencia os pássaros, açoita as árvores, derrete o asfalto. Deslizo ao longo delas como um ácaro na pele do hospedeiro. Sinto, se as abraço, um coração

a pulsar. Será o meu. Será o da casa. Pouco importa. (AGUALUSA, 2004, p.9)

Para Borges Filho, é através do sentido do tato que desenvolvemos a percepção de mundo. “Através do tato, a personagem poderá receber um número enorme de informações sobre o espaço e os objetos que o ocupam e que também são espaço” (BORGES FILHO, 2007, p.93). Apesar de dizer, primeiramente, que ouve a casa, é no universo tátil que a osga reconhece sua morada. Movendo-se pelos cômodos, Eulálio sente a vibração da casa. E em outro trecho diz: “[...] fico na sala de visitas, colado às vidraças, vendo morrer o sol” (AGUALUSA, 2004, p.9).

Visão e audição também são sentidos importantes para a produção de significado espacial na narrativa de Agualusa. O primeiro nos concede a descrição do espaço feita por Eulálio, que, como já dito antes, é delineada minuciosamente: “A luz da manhã afaga as paredes, verde, branda, filtrada pela ramagem alta do abacateiro” (AGUALUSA, 2004, p.9). Borges Filho nos diz que a visão é um dos sentidos que mais se destaca. “É o sentido que capta o espaço em seu distanciamento máximo” (BORGES FILHO, 2007, p. 73) e assim seria difícil identificar uma percepção espacial no texto literário que não fizesse uso da visão para tal.

Já o sentido da audição contribui, em grande parte, no que diz respeito à construção do enredo no romance, mas não deixa de ser subsídio para a identificação de imagens espaciais:

Eu, que permanecera o tempo todo no meu lugar habitual, junto à janela, não consegui evitar uma gargalhada. O estrangeiro ergueu o rosto como se farejasse o ar. Tenso, alerta:

- Ouviu isto? Quem se riu?

-Ninguém, respondeu o albino, e apontou para mim: - Foi a osga [...].

Ficaram um bom tempo discutindo sobre mim, o que me incomodou, porque o faziam como se eu não estivesse presente [...].(AGUALUSA, 2004, p.19).

Por fim, os dois últimos sentidos, paladar e olfato, podem ser notados em menor escala do que os outros sentidos, mas ainda assim surgem na obra tecendo as representações espaciais da narrativa. Observamos, particularmente em relação ao paladar, uma passagem em que Eulálio diz: “Àquela hora o quarto do albino enche-se de mosquitos e eu começava a sentir fome” (AGUALUSA, 2004, p. 20), estabelecendo a conexão entre o alimento e o espaço citado.

O que entendemos, porém, é que em um texto literário, como na realidade, não há percepção de espaço que contemple apenas um dos sentidos. É a conjunção de gradientes sensoriais que faz com que se perceba o todo, formando assim infinitos efeitos de sentido.

Voltando à relação da osga com a casa, percebemos que, além de dividirem os segredos dos clientes que adentram a casa em busca de outro passado, Félix e Eulálio compartilham também algumas características que tornam esses moradores dois exilados do mundo. Félix é albino, e negro, como ele mesmo se denomina, mas albino e, portanto, não se sente confortável ao se expor ao sol devido à falta de melanina. A osga também não gosta do sol. Sua pele fina e clara machuca-se com os raios quentes e por isso prefere sentir o calor de dentro de casa, atrás das vidraças. Em uma das passagens Eulálio ironiza a condição de Félix comparando-o a si mesmo: “Péssima pele, a sua. Devemos ser da mesma família” (AGUALUSA, 2004, p. 4).

Outro ponto que une estes dois personagens, principalmente no que diz respeito à suas relações com a casa, está na situação em que cada um vive. Félix possui um ofício perigoso. Mesmo não admitindo, o albino é um falsário e, sendo assim, um criminoso. Não é recomendado, portanto, que seja uma figura conhecida na cidade, ou seus negócios poderiam ser comprometidos. Além disso, por sua condição física, Félix acredita provocar repulsa nas pessoas, sendo mais um motivo para que ele se refugie em casa, com seus livros e histórias.

Nas funções citadas por Borges Filho sobre construção do espaço no texto literário, percebemos que duas delas podem ser observadas em relação a Félix. Até mesmo por se tratar da própria casa do protagonista, o espaço em questão se torna uma projeção do personagem, primeira função indicada pelo autor, como podemos observar neste trecho em que a osga fala sobre os métodos utilizados por Félix em seu ofício de criador de passados:

Félix Ventura estuda os jornais enquanto janta, folheia-os atentamente, e se algum artigo lhe interessa assinala-o a tinta lilás com uma caneta. Termina de comer e então recorta-o com cuidado e guarda-o num arquivo. Numa das prateleiras da biblioteca há dezenas destes arquivos. Numa outra dormem centenas de cassetes de vídeo. Félix gosta de gravar noticiários, acontecimentos políticos importante, tudo que lhe possa ser útil um dia. As cassetes estão organizadas por ordem alfabética, segundo o nome da personalidade ou do acontecimento a que se referem. (AGUALUSA, 2004, p.15)

Outra das funções que podemos atribuir à construção do espaço relacionada também à construção do personagem de Félix Ventura é a que contempla uma analogia entre espaço e sentimento, em que o ambiente engendra uma representação dos sentimentos vividos pelos personagens, chamada também de topopatia no âmbito da topoanálise.

Ao falar sobre sua infância, sobre o pai vendedor de livros que o adotara ainda pequeno quando fora deixado à porta de sua casa, dentro de um caixote, acompanhado de exemplares de *A relíquia* de Eça de Queirós, Félix é inundado não só pela nostalgia que o momento naturalmente traz, mas também por uma profunda observação sobre si mesmo e a vida que leva, sobre o ofício que carrega e as várias histórias que ajudou a contar: “- Costumo pensar nesta casa como sendo um barco. Um velho navio a vapor cortando a custo a lama pesada de um rio. A floresta imensa. A noite em volta. – Félix disse isso e baixou a voz. Apontou num gesto vago os vagos livros: – Está cheio de vozes, o meu barco” (AGUALUSA, 2004, p. 24).

A osga, por sua vez, é um animal pequeno e frágil, a casa é seu refúgio contra possíveis predadores, contra o sol ou qualquer outro tipo de ameaça. Somente no final da narrativa é que Eulálio se dispõe, com muita cautela, a aventurar-se um pouco e chega até o quintal da casa:

Há dias atrevi-me, pela primeira vez, a sair para o quintal. Escalei o muro com o coração aos saltos. O sol refulgia nos cacos de vidro. Deslizei entre eles, cautelosamente, e espertei o mundo. Vi uma rua muito larga, em outra margem [...]. Regressei, correndo, à segurança da casa. Talvez volte a sair se entretanto o tempo turvar um pouco. O sol atordoia-me, magoa-me a pele, mas gostaria de observar mais demoradamente esse povo que passa. (AGUALUSA, 2004, p. 181)

Mas como percebemos, a casa continua sendo seu lugar sagrado de segurança, pra onde ele e Félix sempre irão retornar.

Refletindo novamente sobre as funções que a construção do espaço literário exerce nos personagens, constatamos que no caso de Eulálio, estão presentes duas das quatro funções que delineamos neste estudo. Uma delas diz respeito à influência que o espaço exerce no personagem, como observamos em relação ao medo que a osga possui em aventurar-se para longe da casa. E a outra está ligada às ações do personagem de acordo com o que o espaço propicia. Verificamos que a casa representa um refúgio para a osga e, portanto, se sentindo segura dentro da casa, a osga, inicialmente, não sente que deve procurar outros lugares. E mesmo que, como vimos anteriormente, ela possa sair vez ou outra para o quintal, suas ações ainda estão intimamente ligadas à segurança de poder retornar ao seu abrigo.

Borges Filho atenta para outra questão importante dentro dos estudos sobre a relação entre espaço e literatura: o conceito de território. Sabemos que o termo é utilizado em diversas áreas como Geografia, Antropologia, História, Economia, e para denominar diversos tipos de análise, entretanto, para o autor, é unânime a ideia de que o conceito está intimamente ligado à relação de dominação e apropriação do espaço. Dentro dos estudos da topoanálise, Borges Filho ressalta que “cabe ao topoanalista perguntar se o cenário ou a natureza podem ser classificados como território, isto é, se o espaço está em relação de dominação-apropriação com as personagens. E, em consequência, de que forma o poder é ali exercido” (BORGES FILHO, 2007, p. 30).

No caso de Félix e Eulálio percebemos que o conceito de território, lavrado pela topoanálise, pode ser aplicado à relação que os dois personagens possuem com o espaço habitado se pensarmos que esta dominação territorial é realizada pela própria casa. Assim, compreendemos que a casa de Félix pode ser classificada como território, mas além desta determinação, observamos que este espaço possui também uma significação especial no romance.

Um dos traços marcantes nas obras de Agualusa, como também de outros autores africanos, é a estreita ligação entre ficção e história estabelecida nas narrativas. Agualusa conhece e viveu a história recente de Angola, trazendo, assim, ao leitor uma visão crítica dos processos por que passou o seu país. Em *O vendedor de passados*, a dose de realidade histórica ultrapassa a superfície da ambientação temporal e na dimensão da contextualização histórica oferece também uma leitura acerca dos processos identitários que emergiram da situação pós-colonial.

Borges Filho cita o estudo do geógrafo e etnólogo alemão Friedrich Ratzel que “associa o território enquanto espaço ocupado por um povo. Essa concepção clássica estabelece o território enquanto espaço de domínio de uma determinada área, possibilitando uma análise do ponto de vista da identidade nacional” (BORGES FILHO, 2007, p. 28). Partindo dessa perspectiva, e refletindo ainda sobre os longos processos de colonização, pós-colonização, independência e guerra civil porque passou Angola, e a aparente intenção de Agualusa em retratar parte destes processos em seu romance, entendemos, por fim, a casa de Félix Ventura como a própria Angola transfigurada.

No capítulo dedicado à descrição da casa, além de demonstrar a estreita relação que Félix e Eulálio possuem com o ambiente, Agualusa apropria-se também da realidade para estabelecer essa ligação. Ao falar sobre o muro alto que rodeia a casa, a osga faz alusão às milhares de minas espalhadas pelo país, fato comum na vida dos angolanos:

Um muro alto fecha o jardim. O topo do muro está coberto por cacos de vidro [...]. Este feroz artifício não impede que, vez por outra, meninos saltem o muro e roubem abacates, nêspersas e papaias. [...] Talvez não o façam para provar as frutas. Creio que o fazem para provar o risco. [...] Imaginemos que

um deles venha a tornar-se sapador. [...] Ninguém sabe, ao certo, quantas minas foram enterradas no chão de Angola. Entre dez a vinte milhões. [...] Suponhamos, pois, que um desses meninos venha a tornar-se sapador. Sempre que rastejar através de um campo de minas há-de vir-lhe à boca o remoto sabor de uma nêspira. (AGUALUSA, 2004, p. 11)

Vemos, assim, uma relação de transfiguração entre o muro da casa que, ao mesmo tempo em que protege do inimigo, também não deixa que quem está dentro da casa possa sair com tranquilidade. E as minas terrestres que, ao mesmo tempo em que amedrontam os nativos, também afastam aqueles que não seriam bem vindos em solo angolano.

Percebemos ainda que a topopatia entre ambos personagens e a casa de Félix reflete também na questão da identidade espacial, o que sugere uma analogia com os conceitos de território e identidade nacional citados por Borges Filho e ainda ao conceito de morada como verdadeiro cosmos estabelecido por Bachelard. Portanto, esta transfiguração do país em uma casa ocorre tanto metaforicamente quanto metonimicamente.

Metáfora nos remete à ideia de produção de sentido através de uma comparação implícita. Assim, estabelecemos a correspondência entre a casa de Félix e a nação angolana numa relação paralela de representação e significado. Já no âmbito metonímico, entendemos que esta conexão se dá quando, dada uma relação de semelhança ou associação entre dois pontos, emprega-se um termo pelo outro. Dessa maneira, concluímos que ao atribuímos à casa de Félix a conotação de território, relacionamos metonimicamente sua representação à do próprio país. Compreendemos, por fim, este espaço como um universo particular dos personagens, mas, ao mesmo tempo, como uma esfera geral do romance.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor o estudo de uma obra literária sob um viés teórico, sabemos que corremos o risco de engessá-la ao olhar crítico da teoria proposta. O que pretendemos aqui, entretanto, não foi apenas tecer considerações da obra *O vendedor de passados* sob o olhar da topoanálise, mas também, compreender este romance como uma narrativa que não se excede na análise.

Teorizamos o estudo do espaço na literatura, engendramos uma leitura do romance através destes conceitos e por fim, imprimimos nossas reflexões acerca da significação da construção do espaço na obra de Agualusa. Mas o que observamos neste estudo, considerando o que foi proposto inicialmente e no que tange a poética do espaço, como também sob outros aspectos, é que *O vendedor de passados* é uma obra que pode ser lida a partir de diversos olhares, tanto convergentes ao que destacamos aqui, quanto convergentes, pois sabemos também, que a análise de um texto literário é um exercício inesgotável.

## REFERÊNCIAS:

AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976